



# Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

# Literatura



Miguel Mascarenhas  
*Surpresa*



**Iba Mendes Editor Digital**

[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*Surpresa*

# Miguel Mascarenhas

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1873.

Livro Digital nº 836 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Portuguesa.

**Miguel José Teixeira Mascarenhas**  
**(1831 - 1876)**



**Iba Mendes Editor Digital**  
**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# *SURPRESA*

## *ENTREATO*



*Ilustríssimo e excelentíssimo Gaspar Lobo de Sousa Machado e Couros.*

Meu bom amigo: duas horas, — rigorosamente duas horas — uma que furtei a um auto de “penhora”, e outra a um “dito” de “embargo” quando “escrivão” na Beira, deram em “conclusão” o “Entreato” que de lá te ofertei. Disse-te que fora aplaudido, e não menti: aplausos serranos em teatrinho aldeão.

Por que foi que me lembrei de “ajuntar” o teu nome ao meu tesouro literário da serra?...

De certo pressentimento de que tu havias de ser, como efetivamente sucedeu, um dos mais poderosos auxiliares para finalizar o meu desterro.

É esta a primeira ocasião que tenho de publicar o escrito que te dediquei, e não a perco: vai “apenso” do meu único livro, e provote, deste modo, a existência em mim de um sentimento, misto de orgulho e gratidão, que tu sabes compreender e desculpar.

*Porto, 15 de setembro de 1873.*  
*teu dedicado e obrigadíssimo amigo,*  
*Miguel J. T. Mascarenhas.*

**PERSONAGENS:**

LAURA (costureira)

ALFREDO (tenente)

JOÃO (camarada de Alfredo)

ARTUR (menino de 9 anos, irmão de Laura)

*(Uma saleta pobre, com um fogareiro de barro, mesa e ferro de engomar, um cesto de costura que deve conter uma caixinha, etc.)*

**CENA I**

*Laura e Artur.*

*(Laura, canta e engoma, e Artur trata do fogão)*

LAURA (*cantando*)

Ai! mundo!! mundo!... como és tirano!

És desumano pra mulher caída...

Ai! misera órfã sem um teto amigo,

Sem um abrigo que te dê guarida!...

Morrer tão nova?!... acho cedo ainda...

Mulher, e linda... que horror! perdida!...

Quando a pureza no gozar fenece...

Ai! desfalece todo o amor à vida!...

*(Vendo que Artur desmancha qualquer coisa no fogão)*

És um desastrado, Artur; pois já tens idade para algum juízo... Estás a fazer onze anos...

*(Vai compor o fogão, e Artur espreitar à porta)*

ARTUR (*voltando, com receio e meiguice*)

Desculpa, Laurinha, minha querida irmã, desculpa, que me pareceu ouvir a voz do Sr. tenente, e tu bem sabes quanto eu gosto dele...

LAURA (*enleada*)

A voz do Sr. Alfredo!... Ainda não são as horas do costume...

*(Dirige-se à mesa, em quanto Artur faz qualquer traquinice pela casa, e fica*

*um pouco pensativa*) Artur tem razão... A pobre criança parece que adivinha os favores que devemos ao Sr. tenente... se não fora aquela boa alma, teríamos, eu e meu irmão, sucumbido... (*Trabalhando, e falando, etc.*) Não sei bem, se é só gratidão o que eu sinto... Os poucos dias que deixo de vê-lo, é como se me faltasse o ar que respiro!... se *Ele* é tão bom, tão caritativo!... E nunca lhe ouvi uma palavra atrevida, nunca lhe vi um gesto menos respeitoso!... Ele... que podia abusar... que... (*Pousando o ferro*) Meu Deus! E se ele fosse meu pai?!... Quem sabe?... Achei-me tão nova desamparada no mundo, e com este meu irmãozinho nos braços...

ARTUR (*vindo ao pé da irmã*)

Ó Laura, tu que estás aí a resmungar?... Não estejas triste, não?... Se estás assim por minha causa, eu prometo de nunca mais fazer tolices... Deixas-me tu ir para a porta da rua esperar o senhor tenente, deixas?...

LAURA (*ameigando-o*)

Pois vai, vai, mas não te ajuntes com os garotos, ouviste?

ARTUR (*indo aos saltos*)

Não junto... só hei de ver como eles jogam o peão...

## CENA II

*Laura (só).*

LAURA (*largando de engomar, e pegando na costura*)

Muito penosa é a vida dos que vivem só para o trabalho... E o lucro que as mulheres tiram dele, não chega para matar a fome... se não fora o meu protetor pagar-me a renda da casa, ter-me-ia outra vez reduzido à penúria extrema, e... matava-me, para fugir à desonra... (*Pausa*) Horroriza-me a ideia da vida que passam essas infelizes mal encaminhadas... O mundo não vê na mulher pobre mais do que um estímulo para os seus brutais apetites!... Nova, como ainda sou, já por minha desgraça conheci isto; mas a Providência, pela mão do Sr. tenente, salvou-me do suicídio...

### CENA III

*Artur e Laura.*

ARTUR (*entrando a correr*)

Ó Laura, deram-me esta carta para te entregar... (*Dá a carta, e volta para a porta da rua*)

### CENA IV

*Laura (só).*

LAURA

É dele!... Estará doente, meu Deus!... (*Abre a carta, e lê*) “Menina Laura. — É hoje mais um dos poucos dias em que me vejo obrigado a faltar-lhe com a minha visita à hora do costume... Peço-lhe que não lance esta falta na conta de esquecimento, por que a tenho sempre presente no pensamento e no coração. Até mais logo. Seu muito amigo, Alfredo.” (*Declamando*) Felizmente, é só algum estorvo da vida militar, e ainda hoje terei o prazer de vê-lo. (*Deixa a carta no cesto da costura*)

### CENA V

*Laura e João.*

JOÃO (*trazendo, num tabuleiro, alguma roupa branca: falando de fora*)  
Dá licença, menina?

LAURA

Alguma obra, talvez... Entre, quem é?

JOÃO (*entrando*)

Ora, guarde Deus aqui tudo, e vivam os homens de guerra, e as meninas engomadeiras... (*Reparando em Laura*) Palavra de honra,



que a menina merece ainda bem a continência... (*Mudança de tom*)  
Desculpe-me estes jeitos de *tarimba*, e estas graçolas já impróprias dos meus anos, menina, que não há mal nenhum nisto. Cá o velho 38, há muito que esqueceu as graças do matrimônio... (*Com tristeza*)  
Há bastantes anos, que perdi a minha boa Antônia, Deus lhe fale na alma, e um filho, ou dois, quê... (*Pausa: resignando-se*)  
Deixemos tristezas, que não pagam dívidas, e vamos ao que serve... Olhe, menina, trago-lhe aqui estas camisas para engomar. O meu tenente tinha por engomadeira uma pobre velhinha, que mais lhe estragava do que engomava as camisas, mas que ele ainda assim conservava, por que é o melhor dos tenentes... vai, se não quando, a velha adoce, e eu vou hoje procurar uma camisa engomada para dar ao meu tenente, e... viste-la?... nem eu!... Indaguei onde haveria uma engomadeira boa, e disseram-me que perguntasse pela menina Laura, nesta rua. Chego à porta desta casa, vejo uns rapasitos a jogar o peão...

LAURA (*interrompendo-o*)

Disseram-lhe que era aqui, e entrou... Pois, senhor, eu farei por substituir a velhinha o melhor que possa.

JOÃO

*Faça alto!*... Substituir a velha, é que não, por que tinha de ir lá para casa, e apesar do tenente ser... o melhor dos tenentes, é ainda novo, e... *o lume ao pé da estopa*...

LAURA (*interrompendo-o*)

Quem, como eu, foi em criança abandonada com um irmãozinho pequeno nos débeis braços, e soube até hoje sustentar-se virtuosa, preferindo perder a vida a perder a honra, parece que não poderia ter grande receio do seu tenente...

JOÃO

Então, *guarda dentro*... Já aqui não está quem falou... Visto que a menina é assim *arisca*, muda o caso de figura... Ora, diga-me: poderei saber a sua história?... Eu sou curioso como um soldado

vadio em dia de *pré*; e como deixei tudo arrumado em casa, e o tenente está para o quartel, posso, sem receio, demorar-me.

LAURA (*oferecendo cadeira ao soldado*)

A minha história, conta-se em poucas palavras: teria completado dez anos de idade, quando morreu minha santa mãe. A infeliz, chorava todos os dias a ausência de meu pai, que, dizia ela, fora com o general conde das Antas para a expedição de Espanha...

JOÃO (*interrompendo-a, visivelmente alterado*)

Para a expedição de Espanha, diz a menina?!...

LAURA

Sim, senhor. O que tem isso de extraordinário?...

JOÃO (*forcejando por tranquilizar-se*)

Diz bem... o que tem isso de extraordinário?... É que... Queira continuar, menina, queira continuar...

LAURA

A falta de recursos em que vivíamos, fez com que a minha pobre mãe morresse quase à míngua de pão e de tratamento... (*Movimento em João, etc.*) Eu, mal podia então avaliar a desgraça que vinha sobre mim... Quando vi minha mãe morta, chorei muito, gritei, clamei por socorro e, como ninguém acudisse, saí de casa com meu irmão ao colo, continuando a gritar pelas ruas, até que uma caridosa mulher me recolheu no seu pobre albergue...

## CENA VI

*Os mesmos, e Artur.*

ARTUR (*correndo, traz pendente do pescoço de modo visível uma medalha de cobre*)

Ó Laura, perguntaram-me por ti lá em baixo. Eu estava a ver jogar o peão... (*Reparando no soldado*) Ah! cá está o senhor que perguntou por ti...

JOÃO (*repara na medalha, levanta-se repentinamente, examina-a etc.*)  
Esta medalha!!...

LAURA

É uma relíquia, que minha santa mãe dizia ter vindo de Roma, e que lançou ao pescoço de meu irmão, pouco antes de morrer...

JOÃO (*excitadíssimo*)

Menina!... por alma de sua mãe lhe peço, que me diga se conserva alguma carta que seu pai escrevesse!...

LAURA

Conservo. Tenho-a aqui no meu cesto de costura, nesta caixinha, para nunca me separar dela... Olhe, aqui a tem.

JOÃO (*desdobra a carta todo trémulo, etc., e diz como em delírio*)

Antônia!... Cá está... é a mesma... foi escrita em cima de um tambor antes de entrar em fogo... E Ela cá a morrer de fome!... e meus filhos!... (*Grito doloroso*) Ah!... (*Cai sem sentidos na cadeira*)

LAURA (*correndo a ele*)

Que é isto, meu Deus!... Ele morre!... Se viesse o Sr. tenente... (*Aflita*) Nunca fui a sua casa, mas vou agora... Não posso estar aqui só com este homem assim... (*Entra nos bastidores, e sai de capote: Artur segue-a sempre*) Ainda sem sentidos!... (*Apanha a carta do pai, que este deve ter deixado cair, e guarda-a*) Vamos, Artur, vamos depressa...

(*Saem*)

## CENA VII

João (só).

JOÃO (*como acordando, etc.*)

Que sonho tão mau!... Só tive um igual quando fui mortalmente ferido, para salvar a vida ao meu tenente... Mas onde estou eu?!... Ah!... sim, estou em casa da engomadeira, que se chama Laura, que era também o nome de minha filha... E a história destas crianças?!... E a carta?!... (*Procura a carta, e pega na que é do tenente*) Ei-la aqui!... Não é, pois, sonho, meu Deus?!... É certo que tenho dois filhos?!... Laura, minha querida filha!... (*Pausa*) Saiu... foi, talvez, chamar algum médico... É preciso tranquilizar-me, para o receber como um homem que é soldado... Estas fraquezas excessivas, não ficam bem a um militar, praticadas diante de um estranho... Vou ler a carta que escrevi à minha pobre Antônia, quando pensava que ainda a abraçaria muitas vezes... (*Abre a carta, principia a ler, e fica como fulminado*) “Menina Laura!!...” Que é isto?!... Estarei eu louco?!... (*Acaba de ler para ele: gargalhada terrível*) Ah!... ah!... ah!... ah... Então, não queria eu achar uma filha virtuosa, depois de doze anos de desamparo?!... Impossível!... (*Pausa*) Em vez da ventura doméstica para o resto dos meus dias, deparo com a desonra ao cabo de trinta anos de serviço!... Bravo militar!... enche-te de orgulho com as tuas feridas!... a paga delas, foi deixarem-te morrer a mulher à fome!... e a condecoração, é a desonra da filha!!... (*Mudança de tom*) Mas há aqui um sedutor, que há de pagar com a vida a minha vergonha... Eu o juro, à face de Deus!... Oculto naquele quarto, poderei surpreendê-los, e vingar-me... Depois... um tiro na cabeça, e era uma vez o 38!... (*Entra precipitadamente no quarto*)

## CENA VIII

*Laura e Artur.*

LAURA

Não tive coragem de ir a casa do Sr. tenente: encontrei uma conhecida, por quem lhe mandei recado... (*Reparando*) Mas onde está o meu doente?!...

## CENA IX

*Os mesmos, e Alfredo.*

Alfredo (*amável*)

Mais depressa ninguém obedece às ordens da sua dama... (*Aperta a mão a Laura*) Como está o meu anjo de resignação, a linda escravazinha do trabalho?...

*(Logo que o tenente entra, Artur fica pulando de contente, pega-lhe na mão que ele tem livre, etc. Alfredo chega uma cadeira a Laura, e assenta-se também ao seu lado, colocando Artur sobre os joelhos, que fica constantemente mexendo ora nas dragonas, ora nas mãos e no bigode do oficial)*

LAURA (*pega na costura mas não trabalha*)

Estou muito triste, Sr. tenente... Ia para casa de vossa senhoria participar-lhe que um pobre velho, camarada de um senhor oficial, adoeceu nesta casa, vindo trazer-me umas camisas para engomar. Deixei-o aqui parecendo morto, e, já no caminho, encontrei a pessoa por quem lhe mandei pedir que viesse, e voltei a casa com muito cuidado no infeliz camarada. Chego, pouco antes de vossa senhoria, e não encontro o homem!...

ALFREDO

Não se espante a Laurazinha com o acontecimento, que é o mais natural possível. O homem tem fibras de soldado velho: acordou, viu-se bom, e só, e foi tratar da sua vida, ou da vida do oficial de quem é camarada... Deixemos essas tristezas, que já passaram, e diga-me a minha querida protegida se há por aqui abundância de trabalho, e o dinheiro preciso para as suas pequeninas necessidades...

LAURA

Não me falta cousa alguma, graças à sua valedoura proteção, Sr. tenente...

ARTUR (*pondo a mão na cara do oficial*)

Deixe falar minha irmã, Sr. tenente, que não diz a verdade... (*Com ingenuidade infantil*) Há três dias, que só comemos caldinho...

LAURA

Que estás tu a dizer, meu traquinas?...

ALFREDO

Fizeste bem em falar, Artur... A inocência não sabe *guardar as conveniências*... Então, a má da Sra. Laura, esqueceu-se de mim, não é verdade?!...

LAURA (*enleada*)

Eu... não queria ser mais pesada, a quem já devo tanto...

ALFREDO (*pondo o pequeno no chão*)

Vai, Artur, vai para a porta da rua, para os teus encantos, que eu preciso de ralar muito a tua irmã, e não quero que tu ouças... (*Reparando nas luvas, que o pequeno lhe sujou*) E já que me puseste as luvas neste bonito estado, pega nelas, e faze dois saquinhos, anda...

(*Artur dá um beijo no tenente, recebe outro, e sai muito contente*)

## CENA X

*Alfredo e Laura.*

ALFREDO

Vou falar-lhe muito seriamente, menina Laura... Quando eu, haverá nove anos, a encontrei casualmente num miserável sótão quase asfisiada, querendo também matar o pequenino Artur, seu irmão, — fiz o que faria todo o homem, que ainda não tivesse a alma completamente estragada pelas convenções do mundo torpe. Ouvi a sua singela e muito infeliz história, admirei a austera virtude da sua boa índole, e protegi-a. Desde então até hoje, se a minha assiduidade junto da menina pode ser mal vista pelos perversos, é certo que as

nossas consciências estão tranquilas. Sua mãe, Laura, não teria mais cuidado pela conservação da sua virtude do que este... devasso militar, como talvez o mundo me chame... Podia dar-lhe todo o necessário, tirá-la ao trabalho pesado que exerce, cercá-la até de algum luxo; mas preferi velar apenas por que não entrasse em sua casa a miséria, deixando-lhe toda a glória da sua honra pelo trabalho... Compreenda-me bem, Laura. Um homem que assim procede, pode ter alguma coisa oculta no coração, mas decerto não merece o seu desprezo... Falo assim, para concluir por lhe dizer, que sofri muito há pouco, que estou sofrendo ainda por ouvir da boca de um inocente, que a menina oculta de mim as suas precisões, provando por tal forma, que não confia no homem que há nove anos a estima como um verdadeiro irmão!...

LAURA (*muito terna, beijando-lhe a mão*)

Não é isso, Sr. Alfredo... Perdoe-me, se entendo mal, mas eu queria ser-lhe pesada o menos possível... Pareceu-me compreendê-lo... Devo-lhe, além de tudo, o saber ler nos livros que me dá, livros decerto escolhidos, por que só neles tenho aprendido rasgos de virtude e de heroísmo... Não acredite que em mim exista um sentimento mau a seu respeito... seria crueldade imaginá-lo sequer... Eu, não tenho no mundo outra afeição... É a vossa senhoria que pertence toda a minha alma...

Alfredo (*interrompendo-a*)

Pela gratidão... Bem sei que a menina é um compendio de virtudes não vulgares.

LAURA (*muito enleada*)

Não é só a gratidão... Deixe-me dizer-lhe, o que há muito mora no meu peito... vossa senhoria é para mim mais que um irmão... já me lembrei se seria meu pai... É ainda novo, mas era possível... Sei que o amo muito... creia-me... Se me faltasse, morria... (*Com força*) Oh... juro-lhe que morria!...

ALFREDO (*contentamento sufocado*)

Obrigado, Laura! Sabe lá o bem que me fez com o que acaba de confessar-me?! Também eu estou órfão de parentes e mais órfão ainda de crenças nessa pervertida sociedade onde as minhas dragonas me dão entrada... Sonhei muitas vezes com a felicidade ao seu lado, Laura, mas temia de encontrá-la suspeitosa das minhas intenções... Obrigado por me abrir o céu com as suas palavras... Atenda bem ao que lhe digo: estou a tocar nos quarenta anos. Esta idade, não deixa nutrir ilusões, mas ainda pode conservar bem vivo o coração... o meu — juro-lhe sob palavra de cavalheiro — tem o mesmo calor dos vinte anos... Não posso, nem sei dizer-lhe mais... Peço-lhe pela memória de sua mãe, que me diga com toda a força da sua convicção se não repugna à sua mocidade a junção com a minha quase velhice...

LAURA (*abraçando-o*)

Repugnar-me, Alfredo?!... (*Como que admirada da sua audácia, retirando os braços vagarosamente, etc.*); Perdão, Sr. tenente... O meu contentamento deu-me audácia, que há uma hora julgaria loucura...

ALFREDO (*beijando-a na testa*)

O amor nunca é audaz, minha querida Laura, é um sentimento nobilíssimo, que faz desaparecer todas as distâncias... (*Jubiloso*) Seremos felizes, muito felizes!... Havemos de causar inveja aos mais felizes da terra!... Hei de...

## CENA XI

*Os mesmos, e João.*

JOÃO (*terrível de raiva concentrada*)

Casar à francesa... não é verdade, meu tenente?!...

(*Os dois separam-se, e João ocupa o centro da cena, etc.*)

ALFREDO

O meu camarada!...



LAURA

O homem doente!...

JOÃO (*sempre irônico e terrível*)

O seu camarada, sim, meu tenente... aquele soldado raso que aproveitou algumas cutiladas, para o salvar de uma infalível morte... Era o dever do inferior... Agora, ao superior, cumpre-lhe pagar com a desonra...

ALFREDO (*ríspido*)

Endoideceste, homem?!...

LAURA

Que direitos são os seus, para estar com esses modos em minha casa?!...

JOÃO

Em sua casa, menina?... Por que não diz antes *em nossa casa*?... Era mais verdadeira, não ocultando a *parte* do Sr. tenente...

Alfredo (*com império*)

Nem mais uma palavra, soldado!... Vá imediatamente para casa, e lá ajustaremos contas...

JOÃO (*cada vez mais furioso*)

Hei de ir para casa, meu tenente... para uma casa que se fez logo que eu nasci, e que tem uns oito palmos de comprimento... mas antes de me levarem para lá, quero contar-lhe em poucas palavras toda a minha vida... Fui casado à face da igreja, meu tenente... Minha mulher morreu de fome, em quanto eu batalhava pela liberdade da Península... Ficaram-me dois filhos, que julguei mortos... não morreram, por desgraça minha... Esta mulher, que há de partilhar, se não partilhou já, da infâmia dos seus amores... é minha filha!... (*Laura, toda trémula, etc. prostra-se de joelhos*) Agora, Sr. tenente, (*no auge da cólera*) vou com estas mãos arrancar uma vida, que já conservei à custa da minha!...

*(Faz ação de arremeter contra o tenente e Laura arrasta-se de joelhos para os pés do pai, que não faz caso dela. Alfredo, toma repentinamente atitude militar, e brada em voz de comando)*

ALFREDO

Perfilado, 38!... Perfilado!...

*(Luta de gestos de João, entre a raiva e o dever militar, vencendo este por fim, e perfilando-se. Isto deve demorar-se, até o Artur dizer o — à parte — da cena seguinte. Logo que João se perfila, toca a orquestra em surdina até ao fim)*

## CENA XII

*Os mesmos e Artur.*

ARTUR *(entra, correndo, pelo fundo, e, vendo a irmã de joelhos e a chorar, toma o outro lado da cena, ajoelha também, pega na relíquia que traz ao pescoço, beija-a, e diz à parte)*

Diz minha irmã, que a nossa mãe a ensinou a beijar esta relíquia quando tivesse aflições... e como ela chora é por que sofre... *(Conserva-se de joelhos observando a cena)*

ALFREDO *(muito grave)*

O soldado que levanta a mão contra o seu superior, é fuzilado... Salvou-me uma vez a vida, devo salvar hoje a sua... Vou alcançar-lhe baixa com data de ontem. *(Pausa)* Pergunte na minha ausência a sua filha, o que eu tenho sido para ela... *(A Laura, que ajuda a levantar-se)* Senhora Laura... perdoe-me este acontecimento de que fui causa involuntária... e adeus!...

*(Laura afoga-se em soluços, e Alfredo, tendo dado alguns passos ao fundo, fica olhando para ela indeciso)*

ARTUR *(levanta-se, corre ao tenente, pega-lhe na mão, e chama-o à cena)*

Então o meu amiguinho vê minha irmã a chorar, e quer deixá-la?!...

ALFREDO (*beijando o pequeno*)

Menina Laura... Peça a seu pai que a deixe casar com o tenente Alfredo...

JOÃO (*tem sempre estado perfilado, e move-se repentinamente*)

Pois isso é sério, meu tenente?!...

ALFREDO

Já me viu faltar a um juramento, João?

JOÃO (*rápido*)

Nunca!

ALFREDO (*solene*)

Juro-lhe pela cruz da minha espada, que dentro em oito dias hei de ser seu genro à *face da igreja*.

JOÃO (*louco de contentamento, abraçando o tenente pelos joelhos, etc.*)

Isto é que se chama uma *surpresa*, que pode fazer morrer de alegria!... (*Indo buscar Laura*) Anda, minha querida filha, amor do meu coração, retrato vivo de tua santa mãe, anda abraçar o teu anjo, o nosso anjo salvador!...

(*Os três formam grupo, etc.*)

ARTUR (*salta a uma cadeira, coloca-se entre os ombros do pai e os do tenente, e diz para a irmã*)

Ó Laura, qual destes senhores é o nosso pai?...

JOÃO (*apertando-o contra o peito e beijando-o*)

Somos ambos, meu filho, e tudo aqui respira alegria e felicidade!...

ARTUR

Pois beijem todos esta relíquia, que foi a que fez o milagre...

*(Sorriem-se todos, beijam a medalha, e afagam o pequeno. Rompe a orquestra)*



**Iba Mendes Editor Digital**

**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**